

NO FUNDO DO ESPELHO INTERMINÁVEL

Maraíza Labanca¹

Trazia uma branc'asa sobre os braços, a quem curar os ferimentos sofridos graças à longa viagem de fuga do sertão. E remir os pecados durante o procedimento de assepsia das penas, aquelas funduras ásperas por onde metia as mãos, a fim de salvar a ave que desistia pouco a pouco de tentar nova fuga. “Acalme-se, branc'asa, que a fortuna já vem”, dizia o velho, sabendo que toda solidariedade se firma num solo de primitiva inocência, obriga uma singeleza dessas em que se fala a aves na língua dos homens. “Acalme-se, branc'asa”, repetiu várias vezes. Um instante de descuido, então, e aquelas asas brancas entreviram um facho de céu pela janela, por onde alçou um vôo torto, sonhando azul em tanta água intocável.

Angústia do finito

A essa sua rudez que a ele, e só podia ser assim, parece graciosa, ela responde com uma ternura inabitual: “agora não”. “Mas está tudo bem, não gostamos um do outro” - diziam, a não ser desse modo indireto e oblíquo que ele chamava *desejo*. Sem a mediação do amor, desejaram-se durante todo esse tempo que se seguiu após as duas últimas estações. Ele de olhos grandes sobre seus seios, e ela tentando entender o que se passava por detrás de seu ceticismo cínico, o qual manejava astuciosamente em função do que queria. Nesses encaixes, rendeu-se, ele sabia bem, rendeu-se por vezes a um jogo nebuloso e vil, no qual ela andava como andam as sombras dentro da espessura de uma vida – a vida do homem. Para saciar a impetuosidade morna daquele descontínuo mas insistente desejo, tomaram emprestado os sentimentos de outros, e fizeram uso sujo de camas alheias. Tudo para criar espaços que sobrepujassem os dejetos de amores já idos. Justapondo, feito entulho de lixo, amores mortos, podiam, com toda a mácula do mundo nas mãos, oferecer um ao outro essa dose de indiferença – amarga bebida - que alimentava aqueles corpos que fingiam um desalento legítimo – era preciso fingir todo o tempo. Solenemente, criavam uma certa curta distância entre si – aí instalaram o encontro.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFMG). Participa do conselho editorial do jornal mensal de literatura e outras artes *Pausa*. Nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. Contato: maraizalabanca@gmail.com.

“Sei que não devo dizê-lo, mas digo assim mesmo, em cima de seu tolo triunfo, tal é a obviedade da conclusão: o desalento, querido, o desalento, a ficção, toda o cinismo que cabe num rosto, o desejo esvaziado de toda a corporeidade é a tradução ruim de um precário amor.” – com as palavras mornamente encolerizadas, ela organizava essa sintaxe.

Acordara lembrando do último encontro, naquele bar de iluminação excessiva e paredes descascadas. Era preciso falar alto, o barulho era enorme. No fim da noite, entretanto, bastavam breves sussurros e um longo toque de pernas por debaixo da mesa. E todo o ininteligível tornava-se claro, magnífico. Mas ela lembrara especialmente do que acontecera depois da conversa falante e silenciosa no bar. Dos instantes no carro, dos corpos apertando-se um contra o outro, ainda que jamais tivessem se abraçado.

“A minha grande questão sempre foi o tempo, a sua, o espaço, a relação dos sujeitos com o espaço. Sabe-se lá o que se passa no interstício dessas noções cada vez menos nítidas nos novos dias.” – dizia ele no meio daquele semana, como quem não quer falar, admirando suas telas. “Você sabe que aos seus amigos agora importam menos as adversidades de tempo e espaço, são outras as sensações que lhes assaltam.” – respondia por vezes a mulher, com a mesma falsa desatenção no tom. “Mas preocupa-me ainda o tempo, o escoar célere dessa água infinita e incansável” – treplicava. Era o tempo que por vezes o aproximou dela, e agora tornava-se lentamente um rio de largura marítima, cada vez mais impercorível. É claro que havia muita ficção nesse leito que fundaram e por onde passou aquela história silenciosa; todavia, ela encarara a mentira com toda a verdade que lhe cabia, e ele, incapaz que foi de molhar as mãos e os pés nesse leito turvo e que não se deixa jamais domesticar, tomou a verdade numa impostura, como se queimasse os livros da estante, trincou o suspense envolvido nesse caminho em desvio, próprio dos canais que se desenham em relevos irregulares. Era em solo impenetrável onde permitiram escoar esse tempo d’um amor precário. Era o justo, o possível.

Havia mais de sete dias que não se falavam, não sabiam o que havia, o que dizia esse hiato, mas é fato que a comunicação tornava-se improvável, os telefonemas, e-mails, mensagens, cada vez mais escassos. Tal redução – que escolheram? - era resultado de uma economia das sensações que não atingem diretamente a alma, dissipam-se no ar. Então, a pele seca, a boca seca de palavras, sem a umidade quente do luxo da palavra que já não mais é certa, e mente. Fingir uma ficção é trabalho árduo, descobria a mulher, enquanto pincelava pontos negros sobre uma tela em branco.

Bodas de maio

Após o último apelo, então, seguiu em direção à casa dela, ainda um pouco contrariado por ter de participar do evento familiar. Naquele ano, no entanto, ela estava irredutível: queria receber os amigos na casa dos pais enquanto completava 25 anos. Dia pesado, pensava, estava cansado. Tinha bebido um pouco com os amigos no dia anterior, ainda sentia o mal-estar de uma noite mal dormida. Dia pesado, noite difícil. Sentia-se mal pelo papel que teria que encenar, pelos sorrisos que teria que forjar, como se aquele peso todo fosse coisa pouca. Para não causar problemas nem se chatear ainda mais, tratou de se esforçar enquanto estivesse naquele palco onde as pessoas jogam com seus olhares e suas palavras escorregadias. Comprara bebidas, um livro de presente. Poemas eróticos, pra não deixar passar que o que os unia era de outra ordem, avessa à cena familiar que ali se passaria. Chegou, enfim. Um pouco nervoso, a roupa meio amarrotada de dirigir, sem saber o que dizer. Logo na entrada, a provação. Ela fizera questão de apresentá-lo, um por um, aos convidados. Pai, mãe, avó, amigos e outros parentes. Apertos de mão sem fim durante os passos que conduziam ao lugar onde todos estavam. Um mal estar imenso tomava seu corpo inteiro; isto, somado aos sorrisos forçados, causava certa imprecisão nas suas expressões, um ar hesitante, um olhar um pouco baixo. Sentia-se muito envergonhado por estar ali, por ter de dizer “prazer em conhecê-los”, quando não sentia prazer algum na tarefa. Que vontade de largar tudo, empurrá-la pro quartinho pequeno e pobre onde ainda dormia quando não estava com ele, limpíssimo e casto, e arrancar seu vestido, arrancar beijos fundos de sua boca. Ela sabia desse desejo urgente inundando aquele corpo de homem magro, de olhos indiretos e sorriso curto. Ele não poderia arrancar as roupas de sua mulher no quarto ao lado e deixar que as pessoas vissem, alardeadas, pela janela de vidro fosco, o contorno turvo de dois corpos já exaustos dessa lenga lenga de “ah, vocês estão juntos há quanto tempo?”, “interessante sua jaqueta, hein?!”, “finalmente dá as caras o namorado invisível da minha prima!”, “puxa, como você está abatido!”. Ele não gostava das sentenças exclamativas, nem das interrogações. Estas por um motivo razoável: pareciam-lhe demasiado impositivas, era sempre preciso uma resposta, ainda que essa resposta não respondesse à pergunta feita. Não dava pra simplesmente permanecer em silêncio. Já as exclamações eram sentenças estúpidas, desejam provocar sensações fortes, e deve-se, segundo a polidez dos costumes, compartilhar delas. Tem-se que exclamar, se não com uma interjeição ainda mais estúpida, com uma expressão de ódio, deslumbre, terror, chiste, ou

surpresa na cara. “As pessoas acreditam que o diálogo é possível, o único diálogo possível é o colóquio dos corpos” – pensava solitário. A mulher podia adivinhar o mal estar que se passava com ele, e transitava alegremente ante aquela apatia estranha. Deixava estar à sua frente, de costas para sua cadeira, a trocar algumas tagarelices com duas amigas da época do colégio, na certeza de que ele, sabendo-se discretíssimo no seu olhar silencioso, lânguido e indireto, se concentraria com todas as forças em seu corpo de costas – a posição que ele mais gostava. Umas brechas da nuca entrevistadas sob os cabelos, o torso curvo dando forma ao tecido fino do vestido, que se avolumava ali e se desavolumava pouco a pouco mais embaixo. As pernas à mostra, grossas, longas, os pés de unhas feitas, a pele firme. Queria-a nua, com aquelas unhas maltratando a sua própria pele, contemplar seus contornos com as mãos, mordê-la, mastigá-la, possuí-la. E, após o cansaço – planejava tudo quando olhava suas costas -, abandoná-la. Ela estirada na sua cama, com os cabelos desarrumados, os olhos ainda pedintes, um pouco de suor nas têmporas, e o corpo em absoluto desamparo. Então só assim ele poderia ir embora, ainda mais silencioso, sem esboçar gesto, palavra, aceno algum.

Alarde

Nenhum ruído no motor, nenhuma luz no painel. Sem alarmes e surpresas. Girei novamente a chave do carro. Nada. Hesito: tenho mais um motivo para não ir. Que é dia de tv e cigarros fortes, de deixar que o tempo se arraste esquecido de si. Mas assim mesmo tomo o ônibus e chego até o local marcado.

Evito te cumprimentar. Apenas sento-me à mesa, à sua frente, e te rodeio com meus olhos atentamente desinteressados no que diz. Você começa a dizer muito baixo qualquer coisa dessas que se diz em mesa de bar, e eu vou gravando tudo como quem recolhe provas para se livrar de um crime perverso. Fiscalizo seu corpo inteiro e percebo, tarde, que perdi muito tempo nessa tarefa. Você se dá conta do meu modo concentrado, nesse exato momento em que me desaproprio... porque, você sabe, a beleza sempre foi desleal comigo. Então você me olha, como quem diz: o que foi?

Desassossego. Minha voz tremula. Respondo algo ininteligível. Com um esforço supremo, respondo-te ainda com uma pergunta. E logo me arrependo. Acendo rapidamente um cigarro e tomo um gole grosso de cerveja. Desajeito. Meus gestos desobedecem minha ordem, como se fosse imperativo errar.

Meus olhos continuam vagando por um tempo em sua direção, nesse espaço onde não se pisa sem torpor. É então que você pergunta: o que foi?, como quem diz: silencie. Eu paro, mudo, meus olhos no seu rosto. Sopro a fumaça devagar, como quem se reajusta ao próprio corpo.

Mastigo algumas palavras sujas com os outros que, entre nós, estão sentados à mesa. Mais cerveja. Risadas altas, exaltação nos ânimos já levemente embriagados e tolos... Entedio-me com essa distância. Vejo indiferente os passantes na rua, a afobação dos carros, o movimento da avenida ao lado da nossa completa paralisação. Nunca saímos do lugar, querida - quase digo. Tento esconder essa agonia que me abate, por pudor diante de um olhar furtivo, áspero.

Alguém me diz algo. Não compreendo. Esforço para me interessar. Consigo até um sorriso no canto da boca. Converso um pouco. É como se dissessem, de dentro de uma imensa vagueza: um pouco de palavra, se não... Incomoda essa mudez cortante, eu sei. Então, sorrio e deixo vazar algumas palavras quase agressivas a essas pessoas... Lixo. Riem um pouco sem jeito. Eu me canso.

Mais dois goles. Esfrego as mãos. Percebo que parei de te olhar. Mas já vou ficando com a alma solta, vadia, com os olhos perdidos de não ter no que pegar. Então, retorno praquele ponto. Miro fixamente o seu colo vestido de mulher grave. E começo a falar absurdos, disparates, deixo jorrar toda a violência desse desejo proscrito, traduzido em golpes certos sobre quem quer que seja. Falo, falo, falo, como um missionário às avessas: quero arruinar tudo. Ataco, apostolando o inferno.

Eles devolvem. Não me importo. Já disse: tenho a alma solta, vadia. Falo alto. Deselogio o mundo.

Gastaram-se as horas. Estou farto de cervejas, cigarros e palavras para encobrir essa direção sem rumo. Mas é você que vai embora mais uma vez. Antes da meia-noite, com seus passos firmes sobre o chão que me foi roubado. Me dá as costas, sua maior entrega, as suas costas como presente. Sobressalto-me em desconcerto e perplexidade. Tuas costas, eu digo. Esta a violência que me cabe. Você some entre os carros. Eu fico, como quem parte.

Náusea

Saiu do bar naquela noite, às 2 da madrugada, sozinho. Os amigos há muito já em casa. Ele tinha insistido nas funduras do copo, como se afundar até o osso do fracasso pudesse dar-se numa vitória. Então, esquecera que era um jogo arriscado. E ficara, até aquela hora, numa cadeira desconfortável, com o desconforto ainda de um gelo agudo no estômago, a bebida ingerida a custo. Tinha o desconforto do mundo nas mãos, mas sorria quando tocava alguma música de que gostava nas caixas do bar. *Back to black* em ondas sonoras macias penetravam seus pensamentos confusos, como se cúmplices dos seus tormentos. Precisava ir embora. O bar tinha de fechar. Era preciso pôr fim naquela noite de uma vez por todas. Falou alguma coisa com o garçom ao se levantar, enquanto pagava a conta. Deu uns passos e permaneceu alguns segundos na soleira da porta. Um sopro frio da rua trouxera com ele um instante de dolorosa sobriedade. Com essa pequena razão, confundida num corpo ébrio, chorou um pouco, enquanto andava em direção ao ponto de táxi, trocando as pernas, as palavras, as dignidades.